DE MIKHAIL BAKHTIN, NA EDITORA HUCITEC

A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais

Questões de Literatura e de Estética

MIKHAIL BAKHTIN
(V. N. Volochínov)

Marxismo e Filosofia da Linguagem

Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem

prefácio de
ROMAN JAKOBSON

apresentação de
MARINA YAGUELLO

tradução de
MICHEL LAHUD & YARA FRATESCHI VIEIRA

com a colaboração de
LÚCIA TEIXEIRA WISNIK & CARLOS HENRIQUE D. CHAGAS CRUZ

12.ª edição

EDITORA HUCITEC
São Paulo, 2006

X060889

do às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. A memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de constituir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos. Somente na medida em que o filólogo e o historiador conservam a sua memória é que subsistem ainda neles alguns lampejos de vida.

Mas aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente.

Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras. Esta *dialética interna* do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante.

É assim que se apresenta o problema da relação entre a infra-estrutura e as superestruturas. Nós apenas tomamos em consideração a concretização de alguns dos aspectos deste problema e tentamos traçar o caminho que uma pesquisa fecunda neste terreno deve seguir. Era essencial mostrar o lugar da filosofia da linguagem dentro desta problemática. O estudo do signo lingüístico permite observar mais facilmente e de forma mais profunda a continuidade do processo dialético de evolução que vai da infra-estrutura às superestruturas. É no terreno da filosofia da linguagem que se torna mais fácil extirpar pela raiz a explicação pela causalidade mecanicista dos fenômenos ideológicos.

Capítulo 3
FILOSOFIA DA LINGUAGEM E PSICOLOGIA OBJETIVA

Uma das tarefas mais essenciais e urgentes do marxismo é constituir uma psicologia verdadeiramente objetiva. No entanto, seus fundamentos não devem ser nem fisiológicos nem biológicos, mas SOCIOLÓGICOS. De fato, o marxismo encontra-se diante de uma árdua tarefa: a procura de uma abordagem objetiva, porém refinada e flexível, do psiquismo subjetivo consciente do homem, que, em geral, é analisado pelos métodos de introspecção.

Nem a biologia nem a fisiologia estão em condições de resolver esse problema. A consciência constitui um fato socioideológico, não acessível a métodos tomados de empréstimo à fisiologia ou às ciências naturais. É impossível reduzir o funcionamento da consciência a alguns processos que se desenvolvem no interior do campo fechado de um organismo vivo. Os processos que, no essencial, determinam o conteúdo do psiquismo, desenvolvem-se não no organismo, mas fora dele, ainda que o organismo individual participe deles. O psiquismo subjetivo do homem não constitui um objeto de análise para as ciências naturais, como se se tratasse de uma coisa ou de um processo natural. *O psiquismo subjetivo é o objeto de uma análise ideológica, de onde se depreende uma interpretação socioideológica.* O fenômeno psíquico, uma vez compreendido e interpretado, é explicável exclusivamente por fatores sociais, que determinam a vida concreta de um dado indivíduo, nas condições do meio social.[1]

O primeiro e principal problema que se coloca, a partir dessa ótica, é o da apreensão objetiva da "vivência interior". É indispensável integrar a "vivência interior" na unidade da vivência exterior objetiva.

[1] Um esboço popular dos modernos problemas da psicologia encontra-se em nosso livro *Freidizm* (kritítcheskoie ótcherk) [Freudismo (Esboço Crítico)], Moscou-Leningrado, 1927, Ver cap. 2: Duas Orientações da Psicologia Contemporânea.

Que tipo de realidade pertence ao psiquismo subjetivo? *A realidade do psiquismo interior é a do signo.* Sem material semiótico, não se pode falar em psiquismo. Pode-se falar de processos fisiológicos, de processos do sistema nervoso, mas não de processo do psiquismo subjetivo, uma vez que ele é um traço particular do ser, radicalmente diferente, tanto dos processos fisiológicos que se desenrolam no organismo, quanto da realidade exterior ao organismo, realidade à qual o psiquismo reage e que ele reflete, de uma maneira ou de outra. Por natureza, o psiquismo subjetivo localiza-se no limite do organismo e do mundo exterior, vamos dizer, *na fronteira* dessas duas esferas da realidade. É nessa região limítrofe que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior, mas este encontro não é físico: *o organismo e o mundo encontram-se no signo.* A atividade psíquica constitui a expressão semiótica do contato entre o organismo e o meio exterior. Eis por que o *psiquismo interior não deve ser analisado como uma coisa; ele não pode ser compreendido e analisado senão como um signo.*

A idéia de uma psicologia de análise e de interpretação é muito antiga e sua história é muito instrutiva. É sintomático que, nos últimos tempos, em ligação com as exigências metodológicas das ciências humanas, isto é, das ciências que se ocupam das ideologias, ele tenha sido objeto de argumentações mais profundas. Um dos seus defensores mais ardentes e bem-fundamentados foi *Wilhelm Dilthey.* Para ele a atividade psíquica não se define em termos de existência, como se diria para uma coisa, mas em termos de *significação.* Se perdermos de vista esta significação, se tentarmos alcançar a realidade pura da atividade mental, na realidade, encontramo-nos segundo Dilthey, diante de um processo fisiológico do organismo, perdemos de vista a atividade mental.

Da mesma maneira que, se nós perdemos de vista a significação da palavra, perdemos a própria palavra, que fica, assim, reduzida à sua realidade física, acompanhada do processo fisiológico de sua produção. O que faz da palavra uma palavra é sua significação.

O que faz da atividade psíquica uma atividade psíquica é, da mesma forma, sua significação. Se abstrairmos a significação, perdemos, ao mesmo tempo, a própria substância da vida psíquica interior. É por isso que o objetivo da psicologia não poderia ser explicar os fenômenos psíquicos pela causalidade, como se fossem análogos aos processos físicos ou fisiológicos. Assim, a tarefa da psicologia consiste em descrever com discernimento, dissecar e explicar a vida

psíquica como se se tratasse de um documento submetido à análise do filólogo. Segundo Dilthey, somente uma psicologia descritiva e explicativa deste tipo pode servir de base às ciências humanas ou às "ciências do espírito", como ele as chama.[2]

As idéias de Dilthey revelaram-se muito fecundas e continuam a ter, em nossos dias, numerosos adeptos entre os pesquisadores em ciências humanas. Pode-se dizer que a quase totalidade dos eruditos alemães contemporâneos que se ocupam da filosofia estão, alguns mais, outros menos, sob a influência das idéias de W. Dilthey.[3]

A teoria de Wilhelm Dilthey formou-se sobre um terreno idealista e seus seguidores permaneceram neste terreno. A idéia de uma psicologia de análise e de interpretação está estreitamente ligada às premissas idealistas do pensamento, e a muitos aparece como uma idéia especificamente idealista. Realmente, a partir da forma pela qual a psicologia interpretativa foi criada e se desenvolveu até o presente, ela é idealista, e, portanto, inaceitável para o materialismo dialético. Mas o mais inaceitável é *a primazia metodológica da psicologia sobre a ideologia.* Segundo a visão de Dilthey e dos outros representantes da psicologia interpretativa, ela deve ser a base de todas as ciências humanas.

A ideologia é explicada em termos da psicologia — como a sua expressão e materialização — e não o inverso. É verdade que se diz haver entre o psiquismo e a ideologia uma proximidade, um denominador comum, a significação, que os distingue do resto da realidade, mas afirma-se que é a psicologia, não a ideologia, que dá o tom dessa aproximação.

Por sua vez, nas idéias de Dilthey e outros, não se leva em conta *o caráter social do signo.* E finalmente, e isto constitui o *proton pseudos,* a primeira mentira de toda sua concepção, não se compreende *o vínculo indispensável entre o signo e a significação.* Não se percebe a natureza específica do signo.

Na verdade, a relação entre atividade mental e palavra, em Dilthey, não passa de uma analogia, destinada a esclarecer uma idéia

---

[2] Ver, a este propósito, o artigo em língua russa de Frischeizen-Keller em *Logos,* 1912-1913, vols. 1 e 2.

[3] Sobre a influência de Dilthey, enquanto iniciador dessa corrente, ver Oskar Wahlzehl, Wilhelm Hundolf, Emil Ehrmattinger e outros. Citaremos apenas os representantes mais significativos das ciências humanas, na Alemanha contemporânea.

e, além disso, só muito raramente a encontramos em sua obra. Ele está muito distante de extrair desta comparação as conclusões que se impõem.

Por outro lado, não é o psiquismo que ele explica com a ajuda do signo, mas ao contrário, como bom idealista, é o signo que ele explica através do psiquismo. O signo só se torna signo, em Dilthey, na medida em que serve para expressar a vida interior. Esta última confere ao signo uma significação que lhe é inerente. Aqui, a construção de Dilthey encarna uma tendência comum ao conjunto da corrente idealista, que consiste em privar de todo sentido, de toda significação, no mundo material em benefício de um "espírito" fora do tempo e do espaço.

Se a atividade mental tem uma significação, se ela não é apenas uma realidade isolada — em relação a esse aspecto Dilthey tem razão — então, obrigatoriamente, a atividade mental deve manifestar-se no terreno semiótico. Tanto isso é verdade que a significação só pode pertencer ao signo — sem o que, ela se torna uma ficção. A significação constitui a expressão da relação do signo, como realidade isolada, com uma outra realidade, por ela substituível, representável, simbolizável. A significação é a função do signo; eis por que é impossível representar a significação (enquanto propriedade puramente relacional, funcional) à parte do signo, como algo independente, particular. Isso é tão inexeqüível como considerar a significação da palavra *cavalo* como sendo o cavalo particular que tenho diante dos meus olhos. Se assim fosse, seria possível, tendo comido uma maçã, dizer que se comeu não uma maçã, mas a significação da palavra *maçã*. O signo é uma unidade material discreta, mas a significação não é uma coisa e não pode ser isolada do signo como se fosse uma realidade independente, tendo uma existência à parte do signo. É por isso que, se a atividade mental tem um sentido, se ela pode ser compreendida e explicada, ela deve ser analisada por intermédio do signo real e tangível.

É preciso insistir sobre o fato de que não somente a atividade mental é expressa exteriormente com a ajuda do signo (assim como nos expressamos para os outros por palavras, mímica ou qualquer outro meio) mas, ainda, que para o próprio indivíduo, ela só existe sob a forma de signos. Fora deste material semiótico, a atividade interior, enquanto tal, não existe. Nesse sentido, *toda atividade mental é exprimível*, isto é, constitui uma expressão potencial. Todo pensamento, toda emoção todo movimento voluntório são exprimíveis. A função expressiva não pode ser separada da atividade mental sem que se altere a própria natureza desta.[4]

Assim, não existe um abismo entre a atividade psíquica interior e sua expressão, não há ruptura qualitativa de uma esfera da realidade à outra. A passagem da atividade mental interior à sua expressão exterior ocorre no quadro de um mesmo domínio qualitativo, e se apresenta como uma mudança *quantitativa*. É verdade que, correntemente, no curso do processo de expressão exterior, opera-se a passagem de um código a um outro (por exemplo: código mímico/código lingüístico), mas o conjunto do processo não escapa do quadro da expressão semiótica.

O que constitui o material semiótico do psiquismo? Todo gesto ou processo do organismo: a respiração, a circulação do sangue, os movimentos do corpo, a articulação, o discurso interior, a mímica, a reação aos estímulos exteriores (por exemplo, a luz), resumindo, *tudo que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode tornar-se expressivo.*

É verdade que nem todos estes elementos têm igual valor. Para um psiquismo relativamente desenvolvido, diferenciado, um material semiótico refinado e flexível é indispensável e, por sua vez, é preciso que esse material se preste a uma formalização e a uma diferenciação no meio social, no processo de expressão exterior. É por isso que a palavra (o *discurso interior)* se revela como o material semiótico privilegiado do psiquismo. É verdade que o discurso interior se entrecruza com uma massa de outras reações gestuais com valor semiótico. Mas a palavra se apresenta como o fundamento, a base da vida interior. A exclusão da palavra reduziria o psiquismo a quase nada, que a exclusão de todos os outros movimentos expressivos a diminuiriam muito pouco.

Se não nos voltássemos para a função semiótica do discurso interior e para todos os outros movimentos expressivos que formam o psiquismo, nós estaríamos diante de um processo fisiológico puro,

[4] A idéia de valor expressivo de todas as manifestações da consciência não é estranha ao neokantismo. Ao lado dos trabalhos já citados de Cassirer sobre o caráter expressivo da consciência (a consciência enquanto movimento expressivo), pode-se citar o sistema formulado por Herman Cohen, na terceira parte de *Ästhetik des reinen Gefühls*. Contudo, a idéia tal como está ali apresentada não permite conclusões corretas. A essência da consciência permanece, apesar de tudo, para além dos limites da existência.

desenvolvendo-se nos limites do organismo individual. Para o fisiólogo, tal abstração é legítima e mesmo indispensável; só interessa a ele o processo fisiológico e seu mecanismo.

Contudo, mesmo para o fisiólogo, como para o biólogo, é importante levar em conta a função semiótica expressiva (e, portanto, a função social) dos processos fisiológicos correspondentes. Sem isso, ele não compreenderá seu papel biológico no conjunto do funcionamento do organismo. Nesse ponto, mesmo o biólogo não pode excluir o ponto de vista do sociólogo; ele precisa considerar que o organismo humano não pertence a um meio natural abstrato, mas faz parte integrante de um meio social específico. Porém, uma vez considerada a função semiótica dos processos fisiológicos correspondentes, o fisiólogo centra-se na observação de seus mecanismos puramente fisiológicos (por exemplo, o mecanismo dos reflexos condicionados) e ele abstrai completamente suas significações ideológicas mutáveis, que se subordinam a leis sócio-históricas. Em suma, o conteúdo do psiquismo não lhe interessa.

Ora, é justamente o conteúdo do psiquismo tomado em sua relação com o organismo individual que constitui o objeto da psicologia. Uma ciência digna desta denominação não tem e não pode ter outro objeto. Alguns afirmam que o conteúdo do psiquismo não é o objeto da psicologia; esse objeto seria somente a função deste conteúdo no psiquismo individual. Este é o ponto de vista da chamada psicologia "funcionalista".[5] Segundo a doutrina dessa escola, a atividade mental contém duas facetas. Primeiramente, há o *conteúdo da atividade mental.* Sua natureza não é *psíquica.* O que está em jogo é ou um fenômeno *físico* em que a experiência se focaliza (por exemplo, um objeto da percepção), ou um conteúdo cognitivo com seu próprio sistema de leis, ou ainda uma apreciação ética, etc... Esse aspecto objetivo, orientado, da atividade interior é uma propriedade da natureza, da cultura, ou da história e, conseqüentemente, é da competência das disciplinas científicas correspondentes e não da psicologia.

A outra faceta da atividade mental é a *função de qualquer conteúdo objetivo dentro do sistema fechado da vida psíquica individual.* Desta maneira, o objeto da psicologia é a *atividade mental*

[5] Os representantes mais significativos da psicologia funcionalista são Stumpf e Meineng. A psicologia funcionalista foi fundada por Franz Brentano. Na atualidade, ela constitui, incontestavelmente, a principal corrente da reflexão psicológica na Alemanha, ainda que não seja na sua forma mais clássica.

efetivada ou em vias de efetivar-se a propósito de todo conteúdo extrapsíquico. Em outras palavras, o objeto da psicologia funcionalista não é o *quê?* mas o *como?* da atividade mental. Assim, por exemplo, o conteúdo de um processo de pensamento qualquer, o seu *quê?*, não é psíquico e depende da competência do lógico, do teórico do conhecimento ("gnosiólogo") ou do matemático (se se trata do pensamento matemático). O psicólogo mesmo só estuda o *como?* dos processos de pensamento com seus vários conteúdos objetivos (lógicos, matemáticos e outros) nas condições de um dado psiquismo subjetivo.

Não nos ocuparemos aqui das divergências, por vezes substanciais, existentes entre os adeptos desta escola ou de tendências próximas, acerca do entendimento da função psíquica. Para a tarefa que nos fixamos, uma exposição dos princípios de base é suficiente. Ela nos permitirá esclarecer nossa concepção do psiquismo e em que a resolução do problema da psicologia é importante para a filosofia do signo, a filosofia da linguagem.

A psicologia funcionalista formou-se e desenvolveu-se, também, sobre as bases do idealismo. Mas, em alguns de seus aspectos, ela se mostra diametralmente oposta à psicologia interpretativa de Dilthey. De fato, se Dilthey se esforça por levar, de alguma forma, o psiquismo e a ideologia a um denominador comum, a significação, a psicologia funcionalista, ao contrário, tenta traçar uma fronteira de princípio, das mais rígidas, entre o psiquismo e a ideologia, e isto no *interior mesmo do psiquismo.* Tudo o que é significante encontra-se, no final das contas, excluído do campo psíquico, na medida em que tudo que é psíquico encontra-se subordinado ao funcionamento puro e simples de conteúdos objetivos isolados, formando uma espécie de constelação individual denominada "alma individual". Se é preciso falar aqui de primazia, é certo que, na psicologia funcionalista, ao contrário da psicologia interpretativa, é a ideologia que tem a primazia sobre o psiquismo.

Pode-se perguntar, agora, qual é a natureza da função psíquica? Seu tipo de existência? Não encontramos a resposta clara e satisfatória a essa questão junto aos adeptos da psicologia funcionalista. Nesse ponto, falta-lhes clareza, não se encontra unidade, nem acordo. Mas há um ponto sobre o qual eles são unânimes: a função psíquica não pode ser assimilada a um processo fisiológico qualquer. Assim sendo, a componente psicológica é nitidamente demarcada em relação à componente fisiológica. Mas saber que tipo de entida-

de é essa — a psíquica — é algo que permanece obscuro, assim como o problema da realidade dos fenômenos ideológicos.

A única instância em que os funcionalistas fornecem uma resposta clara é quando a atividade mental se exerce sobre objetos naturais: à função psíquica opõe-se, aqui, um ser natural, físico: uma árvore, a terra, uma pedra, etc... Mas qual forma pode tomar o ser ideológico ante a função psíquica? A forma de um conceito lógico, de um valor ético, de uma obra de arte, etc.?

A maior parte dos representantes da psicologia funcionalista se atém a perspectivas idealistas, essencialmente kantianas, acerca desse problema.[6] Ao lado do psiquismo individual e da consciência subjetiva individual, eles reservam um lugar à "consciência global", à "consciência transcendental", ao "sujeito puramente gnosiológico", etc... É neste contexto transcendental que eles localizam o fenômeno ideológico, por oposição à função psíquica individual.[7]

Assim, o problema da realidade ideológica fica sem solução nos quadros da psicologia funcionalista. Decorre dessa falta de compreensão do signo ideológico e da natureza específica de sua existência que os próprios problemas do psiquismo permanecem insolúveis. Eles não serão resolvidos enquanto não se resolva o problema da ideologia. Estas duas questões estão indissoluvelmente ligadas. As histórias da psicologia e das ciências ligadas à ideologia (a lógica, a teoria do conhecimento, a estética, as ciências humanas, etc...) são as de uma luta incessante, de uma delimitação recíproca de fronteiras e de uma mútua absorção.

Tudo se passa como se houvesse uma alternância periódica entre o *psicologismo* espontaneísta, absorvendo todas as ciências de orientação ideológica, e um *antipsicologismo* agudo, esvaziando o psiquismo de seu conteúdo e conduzindo-o a um lugar vazio, puramente formal (como na psicologia funcionalista), ou ainda a um simples fisiologismo. Nesse ínterim, a ideologia, privada pelo antipsicologismo de seu lugar habitual no ser (isto é, no psiquismo), não encontra seu lugar em parte alguma e se vê obrigada a emigrar da realidade para as alturas transcendentais.

[6] Atualmente, encontram-se, ao lado dos funcionalistas, e repartindo o mesmo terreno, os fenomenólogos cujos princípios filosóficos gerais devem muito a Franz Brentano.

[7] Como os fenomenólogos, eles conferem às noções ideológicas um estatuto ontológico, postulando a existência de uma esfera autônoma do ser ideal.

No começo do século XX, tivemos uma vaga poderosa (embora não a primeira da história, longe disso) de antipsicologismo. No curso dos dois primeiros decênios do século, pudemos assistir a eventos filosóficos e metodológicos da mais alta importância: os trabalhos fundamentais de Husserl,[8] principal representante do antipsicologismo contemporâneo; os trabalhos de seus discípulos, os "intencionalistas" (fenomenólogos), a guinada brutalmente antipsicológica dos defensores contemporâneos do neokantismo das escolas de Marburg e Freiburg,[9] a exclusão do psicologismo de todos os domínios do conhecimento, inclusive da própria psicologia(!).

Atualmente, a vaga de antipsicologismo está em vias de refluir e uma nova onda, aparentemente muito poderosa, de psicologismo se prepara para substituí-la. A variedade de psicologismo em moda denomina-se *Filosofia Existencial*. Sob esta etiqueta, o psicologismo mais desenfreado retoma, aceleradamente, todas as posições que teve de abandonar há pouco tempo nas esferas da filosofia e das ciências ligadas à ideologia.[10] Esta vaga de psicologismo não traz consigo nenhuma definição nova da realidade psíquica. O psicologismo mais recente, ao contrário da vaga anterior (segunda metade do século XIX), de natureza positivo-empirista (o representante mais típico é Wundt), tende a comentar o ser interior, a "esfera da atividade mental", de maneira *metafísica*.

[8] Ver o vol. I de *Logische Untersuchungen* ("Investigações Lógicas") (tradução russa de 1910) que constitui, por assim dizer, a bíblia do antipsicologismo contemporâneo, assim como seu artigo "A Filosofia como Ciência do Rigor", in: *Logos*, 1911, 1912, vol. 1.

[9] Ver, por exemplo, o artigo muito instrutivo de Rickert, principal representante da escola de Freiburg, "Duas Abordagens sobre a Teoria do Conhecimento", na compilação *Idéias Novas em Filosofia*, n.º 7, 1913. Nesta publicação, Rickert, sob a influência de Husserl, traduz na linguagem do antipsicologismo sua concepção originalmente psicologista, acerca da teoria do conhecimento. Esse artigo esclarece as relações do neokantismo com o movimento antipsicologista.

[10] Encontramos um panorama completo da filosofia existencial, panorama, é verdade, tendencioso e algo ultrapassado, no livro de Rickert, *A Filosofia Existencial* ("Academia", 1921). O livro de Spranger, *Lebensformen*, exerceu uma influência enorme sobre as ciências humanas. Hoje em dia, todos os representantes mais importantes da crítica literária e da lingüística alemãs encontram-se, de uma forma ou de outra, sob a influência da filosofia existencial. Citaremos Ehrmattinger (*Das Dichterische Kunstwerk*, 1921), Hundolf (seus livros sobre Goethe e sobre Georg, 1916-1925), Hefele (*Das Wesen der Dichtung*, 1923), Wahlzehl ("Gehalt und Form"..., in: *Dichterische Kunstwerk*, 1923), Vossler e os vosslerianos, etc. Mais adiante teremos algo a dizer sobre alguns destes estudiosos.

Desse modo, a alternância do psicologismo e do antipsicologismo não desembocou numa síntese dialética. A filosofia burguesa, até o presente, não soube solucionar de maneira apropriada nem o problema da psicologia nem o da ideologia.

Os dois problemas devem ser tratados conjuntamente. Nós afirmamos que uma só e mesma chave nos dá o acesso objetivo às duas esferas. Esta chave é a *filosofia do signo*, a filosofia da palavra, enquanto signo ideológico por excelência. O signo ideológico é o território comum, tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território concreto, sociológico e significante. É sobre este território que se deve operar a delimitação das fronteiras entre a psicologia e a ideologia. O psiquismo não deve ser uma réplica do universo, e este não deve servir como simples indicação cênica acompanhando o monólogo psíquico.

Mas, se a realidade do psiquismo é uma realidade semiótica, como delimitar a fronteira entre o psiquismo subjetivo individual e a ideologia em sentido estrito, já que esta se apresenta, igualmente, como uma realidade semiótica? De momento, apenas indicamos um território comum. É indispensável, agora, traçar, no interior deste território, uma fronteira adequada.

O fundo deste problema remete à determinação da natureza do signo interior (nos limites do corpo), que é acessível, em sua realidade imediata, à introspecção. Do ponto de vista do conteúdo ideológico propriamente dito, não seria possível estabelecer uma fronteira entre o psíquico e o ideológico. Todo conteúdo ideológico, sem exceção, qualquer que seja o código pelo qual ele é veiculado, pode ser compreendido e, em conseqüência, psiquicamente assimilado, isto é, ele pode ser produzido por intermédio do signo interior.

Por outro lado, todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, como por uma instância obrigatória. Repetindo: todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência. Ele nasce deste oceano de signos interiores e aí continua a viver, pois a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção, de assimilação, isto é, por uma integração reiterada no contexto interior.

É por esse motivo que, do ponto de vista do conteúdo, não há fronteira *a priori* entre o psiquismo e a ideologia. *Há apenas uma diferença de grau*: no estágio do desenvolvimento interior, o elemento ideológico, ainda não exteriorizado sob a forma de material

ideológico, é apenas um elemento confuso. Ele não pode aperfeiçoar-se, diferenciar-se, afirmar-se a não ser no processo de expressão ideológica. A intenção vale sempre menos do que a realização (mesmo falha). O pensamento que só existe no contexto de minha consciência e não é reforçado no contexto da ciência, como sistema ideológico coerente, é apenas um pensamento obscuro e inacabado. Mas, no contexto de minha consciência, esse pensamento pouco a pouco toma forma, apoiando-se no sistema ideológico, pois ele próprio foi engendrado pelos signos ideológicos que assimilei anteriormente. Uma vez mais, não há aqui diferença qualitativa. Os processos cognitivos provenientes de livros e do discurso dos outros e os que se desenvolvem em minha mente pertencem à mesma esfera da realidade, e as diferenças que existem, apesar de tudo, entre a mente e os livros não dizem respeito ao conteúdo do processo cognitivo.

O que complica mais o problema da delimitação do psíquico e do ideológico é o conceito do "individual". Aceita-se, geralmente, uma correlação entre o "individual" e o "social". De onde se extrai a conclusão de que o psiquismo é individual e a ideologia social.

Esta concepção revela-se radicalmente falsa. "Social" está em correlação com "natural": não se trata aí do indivíduo enquanto pessoa, mas do indivíduo biológico natural. O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico. Esta é a razão por que o conteúdo do psiquismo "individual" é, por natureza, tão social quanto a ideologia e, por sua vez, a própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem é ideológica, histórica, e internamente condicionada por fatores sociológicos.[11] Todo signo é social por natureza, tanto o exterior quanto o interior.

Para evitar os mal-entendidos, convém sempre estabelecer uma distinção rígida entre o conceito de indivíduo natural isolado, não associado ao mundo social, tal como o conhece e estuda o biólogo, e o conceito de individualidade, que já se apresenta como uma superestrutura ideológica semiótica, que se coloca acima do indivíduo natural e é, por conseqüência, social.

[11] Na última parte deste trabalho veremos que os direitos do autor sobre seu próprio discurso são relativos "e marcados ideologicamente, e que a língua demora muito tempo para elaborar formas próprias para exprimir claramente os aspectos individuais do discurso.

Estas duas acepções da palavra *individualidade* (o indivíduo natural e a personalidade) são habitualmente confundidas, o que faz com que se constate geralmente, na reflexão da maior parte dos filósofos e psicólogos, um *quaternio terminorum*: ora se considera uma acepção, ora ela é substituída pela outra.

Se o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais (no sentido ideológico deste termo) quanto psíquicas. Todo produto da ideologia leva consigo o selo da individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social.

O que constituiu a diferença entre o signo interior e o signo exterior, entre o psíquico e o ideológico? A significação realizada por meio do movimento interior é dirigida ao próprio organismo, a um indivíduo dado, e determina-se, antes de tudo, no contexto de sua individualidade. Neste ponto, as afirmações dos representantes da escola funcionalista contêm uma parcela de verdade. Não se pode deixar de distinguir a natureza específica do psiquismo da natureza dos sistemas ideológicos. Mas o caráter específico da entidade psíquica é inteiramente compatível com uma concepção ideológico-sociológica do psiquismo.

De fato, como já dissemos, todo pensamento de caráter cognitivo materializa-se em minha consciência, em meu psiquismo, apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento que lhe for apropriado. Nesse sentido, meu pensamento, desde a origem, pertence ao sistema ideológico e é subordinado a suas leis. Mas, ao mesmo tempo, ele também pertence a um outro sistema único, e igualmente possuidor de suas próprias leis específicas, o sistema do meu psiquismo. O caráter único desse sistema não é determinado somente pela unicidade de meu organismo biológico, mas pela totalidade das condições vitais e sociais em que esse organismo se encontra colocado. Desse modo, o psicólogo adotará, para estudar meu pensamento, uma abordagem orientada para essa unicidade orgânica de minha individualidade e para essas condições específicas de minha existência. O ideólogo, ao contrário, não se interessará por esse pensamento a não ser que ele esteja inscrito de maneira objetiva no sistema do conhecimento.

O sistema do psiquismo, determinado por fatores orgânicos e biográficos, no sentido amplo do termo, não reflete, de maneira alguma, somente o ponto de vista da psicologia. É certo que neste último caso trata-se de uma unidade real, como é real a totalidade das condições que determinam a vida do indivíduo. Quanto mais estreitamente ligado à unicidade do sistema psíquico o signo interior estiver e quanto mais fortemente determinado pelo componente biológico e biográfico, mais ele se distanciará de uma expressão ideológica bem-definida. Em compensação, na medida em que é realizado e formalizado ideologicamente, ele liberta-se, por assim dizer, do contexto psíquico que o paralisa.

É isso que determina a diferença entre os processos de compreensão do signo interior (isto é, da atividade mental) e do signo exterior, puramente ideológico. No primeiro caso, compreender significa relacionar um signo interior qualquer com a unicidade dos outros signos interiores, isto é, apreendê-lo no contexto de um certo psiquismo. No segundo caso, trata-se de apreender um dado signo no contexto ideológico correspondente. É verdade que, mesmo no primeiro caso, é indispensável levar em consideração o significado puramente ideológico desta atividade mental: sem compreender o conteúdo semântico puro e simples de um pensamento, o psicólogo não pode determinar-lhe um lugar no contexto do psiquismo em questão. Se ele abstrai o conteúdo semântico desse pensamento, ele não lidará mais com um pensamento, com signos, mas com um simples processo fisiológico de realização de um certo pensamento, de um certo signo, no organismo. Por essa *razão*, a psicologia cognitiva deve apoiar-se em uma teoria do conhecimento e na lógica, enquanto que a psicologia, em seu conjunto, deve apoiar-se na ciência das ideologias, e não o contrário. É preciso dizer que toda expressão semiótica exterior, por exemplo, a enunciação, pode assumir duas orientações: ou em direção ao sujeito, ou, a partir dele, em direção à ideologia. No primeiro caso, a enunciação tem por objetivo traduzir em signos exteriores os signos interiores, e exigir do interlocutor que ele os relacione a um contexto interior, o que constitui um ato de compreensão puramente psicológico. No outro caso, o que se requer é uma compreensão ideológica, objetiva e concreta, da enunciação.[12] É assim que delimitamos o psíquico e o

[12] As enunciações do primeiro tipo podem ser de duas espécies: podem servir para informar a respeito do vivido (*Eu estou alegre*) ou então para exprimi-lo diretamente (*Hurra!*). Há ainda a possibilidade de variações intermediárias (*Estou tão alegre!* — com uma entoação exprimindo grande alegria). A distinção entre esses

ideológico.[13] Como se oferecem à nossa observação, ao nosso estudo o psiquismo, os signos interiores? Em sua forma pura, o signo interior, isto é, a atividade mental, é acessível apenas à introspecção. Podemos perguntar-nos se ela ameaça a unicidade da experiência exterior objetiva. Isso não acontece se a natureza do psiquismo e da própria introspecção for corretamente compreendida.[14] Na realidade, o objeto da introspecção é o signo interior que pode também, por sua natureza, ser signo exterior. O discurso interior pode, igualmente, ser exteriorizado. Durante o processo de auto-explicitação, o resultado da introspecção deve, obrigatoriamente, exprimir-se sob uma forma exterior, ou, em todo caso, aproximar-se o máximo possível do estado de expressão exterior. A introspecção, enquanto tal, segue uma orientação que vai do signo interior ao signo exterior. Por isso, a própria introspecção é dotada de um caráter expressivo. Ela constitui, para o indivíduo, a compreensão de seu próprio signo interior. É isso que a distingue da observação de um objeto ou de qualquer processo físico. A atividade mental não é visível nem pode ser percebida diretamente, mas, em compensação, é compreensível. O que significa que, durante o processo de auto-observação, a atividade mental é recolocada no contexto de outros signos compreensíveis. O signo deve ser esclarecido por outros signos.

A introspecção constitui um *ato de compreensão* e, por isso, efetua-se, inevitavelmente, com uma certa tendência ideológica. Desse modo, ela serve os interesses da psicologia quando apreende uma certa atividade mental no contexto dos outros signos interiores e de maneira a favorecer a unicidade da vida psíquica. Nesse caso, a introspecção esclarece os signos interiores com a ajuda do sistema cognitivo dos signos psicológicos; ela esclarece e diferencia a atividade mental, e tende, assim, a fornecer uma explicação psicológica satisfatória dessa atividade. É desse tipo a tarefa que se designa à cobaia que participa de uma experiência psicológica. As declarações da cobaia constituem uma explicação psicológica, ou ao menos um esboço de explicação.

Mas a introspecção pode, também, ser orientada diferentemente e tender para uma auto-objetivação ética, de costumes. Nesse caso, o signo interior é integrado num sistema de apreciações e normas éticas, é compreendido e explicado sob esse ângulo.

A introspecção, como os processos cognitivos, pode tomar outros caminhos. Mas, sempre em todas as condições, a introspecção se esforça por explicitar ativamente o signo interior, para levá-lo a um maior grau de clareza semiótica. O processo atinge seus limites assim que o objeto da introspecção torna-se perfeitamente compreensível, assim que ele se torna, igualmente, objeto da observação exterior, de caráter ideológico (sob uma forma semiótica).

Desta maneira, a introspecção, enquanto conceito ideológico, está integrada na unicidade da experiência objetiva. É preciso acrescentar, ainda, o que segue: na análise de um caso concreto, é impossível traçar uma fronteira precisa entre os signos interiores e exteriores, entre a introspecção e a observação exterior, que fornece *um comentário ininterrupto, tanto semiótico quanto concreto* a respeito dos signos interiores, na medida em que eles são decodificados.

O comentário concreto ocorre sempre. A compreensão de cada signo, interior ou exterior, efetua-se em ligação estreita com a situação em que ele toma forma. Esta situação, mesmo no caso da introspecção, apresenta-se como a totalidade dos fatos que constituem a experiência exterior, que acompanha e esclarece todo signo interior. Essa situação é sempre uma *situação social.*

A orientação da atividade mental no interior da alma (a introspecção) não pode ser separada da realidade de sua orientação numa situação social dada. E é por essa razão que um aprofundamento da introspecção só é possível quando constantemente vinculado a um aprofundamento da compreensão da orientação social. Abstrair essa orientação levaria ao enfraquecimento completo da atividade mental, como acontece quando se abstrai sua natureza semiótica. Nós veremos mais adiante, de maneira detalhada, que o *signo e a situação social em que se insere estão indissoluvelmente ligados.* O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica.

---

diferentes aspectos é muito importante para o psicólogo e para o ideólogo. No primeiro caso, não há expressão direta da impressão vivida e, conseqüentemente, não há realização do signo interior. Temos aqui um resultado da auto-observação (por assim dizer, a tradução do signo em signo). No segundo caso, a auto-observação que se exerce sobre a experiência interior abre um caminho para o exterior e torna-se objeto da observação exterior (é verdade que, nesse caso, opera-se uma mudança de forma). No terceiro caso, intermediário, o resultado da auto-observação adquire a coloração do signo interior abrindo caminho para o exterior.

[13] Expusemos nossa concepção do conteúdo do psiquismo e da ideologia em *Freidizm*; cf. o capítulo "Conteúdo do Psiquismo como Ideologia".

[14] Esta ameaça se realizaria se a realidade do psiquismo fosse uma realidade de coisa e não uma realidade semiótica.

O problema do signo interior constitui um dos problemas essenciais da filosofia da linguagem, pois o signo interior por excelência é a palavra, o discurso interior. O problema do discurso interior, como todos os problemas examinados neste capítulo, é de natureza filosófica. Ele se encontra no cruzamento dos caminhos da psicologia e das ciências ligadas à ideologia. Metodologicamente, ele só pode ser resolvido no terreno da filosofia da linguagem enquanto filosofia do signo. Como definir a palavra no seu papel de signo interior? Sob que forma se realiza o discurso interior? Quais são seus laços com a situação social? Como ele se relaciona com a enunciação? Que métodos empregar para descobrir, ou para captar durante o vôo, por assim dizer, o discurso interior? Somente uma elaborada filosofia da linguagem pode responder a essas questões.

Tomemos, por exemplo, a segunda questão: sob que formas se realiza o discurso interior? De imediato, pode-se dizer que nenhuma das categorias elaboradas pela lingüística para analisar as formas da língua exteriorizada, da fala (lexicologia, gramática, fonética), é aplicável ao discurso interior e, supondo que fossem, elas deveriam ser radicalmente redefinidas.

Uma análise mais aprofundada revelaria que as formas mínimas do discurso interior são constituídas por monólogos *completos*, análogos a parágrafos, ou então por enunciações completas. Mas elas assemelham-se ainda mais às réplicas de um diálogo. Não é por acaso que os pensadores da Antiguidade já concebiam o discurso interior como um *diálogo interior*. Essas unidades prestam-se muito pouco a uma análise sob a forma de constituintes gramaticais (a rigor, em certos casos, isso é possível, mas com grandes precauções) e não existe entre elas, assim como entre as réplicas de um diálogo, laços gramaticais; são laços de uma outra ordem que as regem. Essas unidades do discurso interior, que poderiam ser chamadas *impressões globais de* enunciações,[15] estão ligadas uma à outra, e sucedem-se uma à outra, não segundo as regras da lógica ou da gramática, mas segundo leis de *convergência apreciativa* (emocional), *de concatenação de diálogos*, etc... e numa estreita dependência das condições históricas da situação social e de todo o curso pragmático da existência.[16] Somente a explicitação das formas que as enunciações completas tomam e, em particular, as formas do discurso dialogado, pode esclarecer as formas do discurso interior e a lógica particular do itinerário que elas seguem na vida interior.

É preciso deixar claro que todos os problemas do discurso interior que mencionamos estão fora dos limites de nossa pesquisa. Atualmente, ainda é impossível tratá-los de maneira satisfatória. Antes de tudo, seria preciso reunir um imenso *corpus* de dados e esclarecer outros problemas elementares e fundamentais da filosofia da linguagem, em particular os problemas da enunciação. Nós pensamos que é dessa maneira que se pode resolver o problema da delimitação de fronteiras entre o psíquico e o ideológico, sobre o território único que os engloba, o do signo ideológico.

Essa abordagem nos permite, igualmente, eliminar, de maneira dialética, a contradição entre o psicologismo e o antipsicologismo. *O antipsicologismo tem razão em recusar a dedução do ideológico a partir do psiquismo.* Ao contrário, é o psíquico que deve ser deduzido da ideologia. A psicologia deve apoiar-se na ciência das ideologias. Originariamente, a palavra deve ter nascido e se desenvolvido no curso do processo de socialização dos indivíduos, para ser, em seguida, integrada ao organismo individual e tornar-se fala interior. Contudo, o psicologismo também tem razão: não há signo exterior sem signo interior. O signo exterior, incapaz de penetrar no contexto dos signos interiores, isto é, incapaz de ser compreendido e experimentado, cessa de ser um signo, transforma-se em uma coisa física.

O signo ideológico tem vida na medida em que ele se realiza no psiquismo e, reciprocamente, a realização psíquica vive do suporte ideológico. A atividade psíquica é uma passagem do interior para o exterior; para o signo ideológico, o processo é inverso. O psíquico goza de extraterritorialidade em relação ao organismo. É o social infiltrado no organismo do indivíduo. E tudo que é ideológico é

[15] O termo foi emprestado de Gompertz (*Weltanschauungslehre*). Parece que o primeiro a utilizá-lo foi Otto Weinninger. A impressão total é uma impressão ainda não isolada do objeto total e que, de qualquer modo, oferece uma impressão do todo, que precede e lança os fundamentos da cognição clara do objeto. Por exemplo, algumas vezes nos vemos na impossibilidade de lembrar uma palavra ou um nome, ainda que os tenhamos "na ponta da língua", o que significa que nós já temos uma "impressão global" deles, mas que eles não podem se esboçar numa representação concreta e diferenciada. As impressões globais, segundo Gompertz, desempenham um grande papel nos processos cognitivos. Elas constituem equivalentes psíquicos das formas do todo e lhe conferem sua unicidade.

[16] A distinção corrente entre os diferentes tipos de discurso interior — visual, auditivo e motor — não é relevante para nossas considerações aqui. No quadro de cada um desses tipos, o discurso se desenrola sob a forma de impressões globais, visuais, auditivas e motoras.

extraterritorial no domínio socioeconômico, pois o signo ideológico, situado fora do organismo, deve penetrar no mundo interior para realizar sua natureza semiótica.

Desta maneira, existe entre o psiquismo e a ideologia uma interação dialética indissolúvel: o *psiquismo se oblitera, se destrói para se tornar ideologia e vice-versa.* O signo interior deve libertar-se de sua absorção pelo contexto psíquico (biológico e biográfico), ele deve parar de ser experimentado subjetivamente para se tornar signo ideológico. O signo ideológico deve integrar-se no domínio dos signos interiores subjetivos, deve ressoar tonalidades subjetivas para permanecer um signo vivo e evitar o estatuto honorífico de uma incompreensível relíquia de museu.

Essa interação dialética dos signos interior e exterior, do psiquismo e da ideologia, muitas vezes atraiu a atenção dos pensadores; contudo, ela não foi compreendida de maneira correta até o presente, nem descrita de maneira adequada. Sua análise mais profunda e interessante foi feita há algum tempo pelo falecido filósofo e sociólogo Georg Simmel. Ele viu essa interação sob um aspecto que é característico de todo pensamento burguês contemporâneo, isto é, como uma "tragédia cultural", ou mais exatamente, como uma tragédia da faculdade criadora da personalidade subjetiva. Segundo ele, a personalidade criadora se autodestrói, assim como sua subjetividade e seu caráter pessoal, no produto objetivo que ela própria cria. O nascimento de um valor cultural objetivo custa a morte da alma subjetiva. Não entraremos, aqui, no detalhe da análise que Simmel faz desse problema, análise que contém várias observações justas e interessantes.[17] Nós assinalaremos apenas o defeito principal de sua concepção. Para ele, entre o psiquismo e a ideologia existe um fosso intransponível. *Ele não admite um signo que, remetendo à realidade, seja comum ao psiquismo e à ideologia.* Ainda mais, mesmo

[17] Pode-se encontrar em tradução russa duas publicações de Simmel, consagradas a esta questão: "A Tragédia Cultural" em *Logos*, 1911-1912, vols. 2 e 3 e "Os Conflitos da Cultura Contemporânea" em *Elementos do Conhecimento*, 1923, Petrogrado, publicado sob a forma de volume separado com um prefácio do professor Sviatlóvski. Seu último livro, tratando da mesma questão do ponto de vista da filosofia existencial, intitula-se *Lebensanschauung*, 1919. Esta idéia constitui o *leitmotiv* da *Vida de Goethe*, do mesmo Simmel e, em parte de seus trabalhos sobre Nietzsche, Schopenhauer, Rembrandt e Miguel Ângelo. Ele coloca na base de sua tipologia das individualidades criadoras os diferentes modos de solucionar este conflito entre a alma e sua objetivação criadora através das produções culturais.

sendo sociólogo, *ele subestima a natureza totalmente social tanto da realidade psíquica quanto da realidade ideológica.* E, contudo, uma e outra realidades se apresentam como refrações de um único e mesmo ser socioeconômico. O resultado é que a contradição dialética viva entre o psiquismo e o ser torna-se, para Simmel, uma antinomia estática, inerte, uma "tragédia"; e ele luta em vão para superar esta antinomia inevitável, recorrendo a uma dinâmica do processo existencial impregnado de metafísica.

Somente o recurso ao monismo materialista pode trazer uma solução dialética a todas as contradições dessa ordem. De outro modo, seríamos obrigados ou a ignorar as contradições, a fechar os olhos, ou a transformá-las em antinomias sem saída, em impasses trágicos.[18] Em suma, em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.

É assim que o psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais.

[18] Na literatura filosófica russa, os problemas de objetivação do psiquismo subjetivo, através das produções ideológicas e das condições e conflitos que daí resultam, são tratados particularmente por Fiódor Stióppun (ver seus trabalhos em *Logos*, 1911-1912, vol. 2-4). Ele também vê esses problemas sob um prisma trágico e mesmo místico. Não consegue colocá-los no plano da realidade material objetiva, que é, contudo, o único onde eles poderiam encontrar uma resolução fecunda e sadiamente dialética.